

Sm  
27-29/3/97 C-6  
150

# Objetos pré-históricos descobertos em Carajás

Arqueólogos pesquisam grutas de propriedade da Vale do Rio Doce

por Raimundo José Pinto  
de Belém

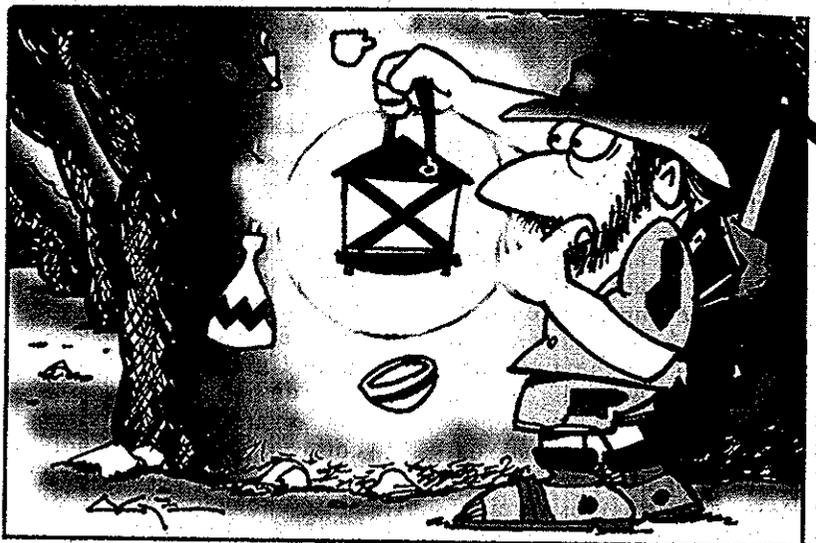
Uma equipe do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), de Belém, coordenada pelo arqueólogo Marcos Pereira Magalhães, retornou esta semana da Serra dos Carajás, uma das maiores províncias minerais do mundo, com informações que, segundo os profissionais, comprovam que o homem pré-histórico amazônico constituiu uma sociedade organizada e bastante sofisticada.

Magalhães passou pouco mais de um mês com sua equipe em Carajás, nas grutas Guarita, Matinguari e do Rato e encontraram objetos feitos de cerâmica, pedra e cristal de rocha. Um dos achados mais importantes foram cinco pontas líticas bifaciais, com três estilos e tamanhos diferentes, feitas em cristais de quartzo e rocha, que revelam uma indústria lítica (trabalho na pedra) voltada tanto para a caça típica quanto para a de floresta.

“Essas descobertas desmistificam a idéia do homem troglodita”, afirma Magalhães. A equipe está iniciando o trabalho de datação radiocarbônica de peças encontradas, que poderá indicar uma idade de até mais de 12 mil anos, uma das mais antigas da Amazônia.

“Tanto a precocidade na organização social dos caçadores-coletores de Carajás quanto as características de sua indústria lítica, nos revelam traços até então não considerados, que os colocam num padrão de sociedade organizada, em vez de meros grupos humanos”, afirma Marcos Magalhães.

O trabalho em Carajás, segundo o arqueólogo, ajuda a mostrar que as civilizações pré-históricas avançadas da Amazô-



nia não ocupavam apenas as terras de várzeas, as mais ricas, como defendem alguns pesquisadores, mas toda a Amazônia, inclusive áreas de terra firme como Carajás.

Os técnicos do Museu Goeldi trabalham contra o tempo. As pesquisas são feitas em grutas que aos poucos vão sendo destruídas para a extração de minérios, principalmente o ferro, pela Companhia Vale do Rio Doce (CVRD). A mais importante gruta até agora pesquisada, a do Gavião, já não existe. Os pesquisadores conseguiram concluir o levantamento arqueológico no local, mas não sabem se terão tempo suficiente para fazer o mesmo nas outras 15 grutas já identificadas em Carajás, apesar de apoio que vêm recebendo da CVRD. E têm dúvidas quanto ao futuro das pesquisas arqueológicas na região com a privatização da empresa.

## GRUTA DO GAVIÃO

Os arqueólogos do Museu Goeldi começaram a trabalhar nas grutas de ferro de Carajás em

1986. A gruta do Gavião foi a primeira identificada como sítio arqueológico, apresentando uma ocupação de caçadores pré-cerâmistas há cerca de 8.140 anos. A gruta tinha predominantemente objetos de cerâmica simples na camada superficial do solo e, em todas as camadas, lascas e artefatos feitos a partir de cristais e quartzo.

Por ocupar uma zona de transição entre a floresta amazônica e o cerrado do planalto central do Brasil, Carajás é, segundo Magalhães, considerada de extrema importância para a compreensão da presença pré-histórica do homem na Amazônia e sua adaptação à região. A localização das grutas nessa área permitia que seus antigos habitantes baseassem sua subsistência na caça. Para o pesquisador, essa constatação seria a prova de que é possível ao homem viver na floresta sem destruí-la. “Mais do que isso, mostra que foi possível construir, em plena mata, uma civilização, uma sociedade complexa, com organização social própria e elaborada noção do mundo.